

O CRIME QUE ANCHIETA NÃO COMETEU

RAIMUNDO DE MENEZES

Um dia, no longínquo ano de 1559, aparecia na cidade do Rio de Janeiro, viajando na armada do Capitão Villegaignon, um súdito francês que atendia pelo nome de Jean Coin-ta, mais conhecido por Monsieur de Bolés, ou du Bodel. Tratava-se de um herege e protestante, "homem douto na língua latina, grega e hebréia, versado na Sagrada Escritura". Falava ainda regularmente o espanhol. Com êle tinham chegado, nas mesmas condições, mais dois patricios.

Havendo-se desavindo, pela prática de erros graves, com Villegaignon, que os quis castigar, fugiram para São Vicente. Ali, os portugueses, apesar de tudo, os receberam bem. Supuseram a princípio que fôsem católicos. Aconteceu que logo mais começaram a pregar a doutrina de Calvino aos silvícolas. A notícia chegou a Piratininga, alarmando os missionários jesuítas. Imediatamente, o Padre Luís de Grã rumou para São Vicente, no intuito de enfrentar as teorias dos aventureiros.

Bolés, informado da sua chegada, e sabendo-o um sacerdote culto e ardoroso em sua missão, procurou, de entrada, incompatibilizá-lo com os gentios. Interpelou-o por que razão se descuidava êle da catequese dos índios, preferindo instruir os lusitanos, contrariando a doutrina de São Paulo "que pri-

meiro manda principiar a doutrina cristã pelos que são de nossa nação e depois pelos que são estranhos”.

Em certo momento, Bolés procurou avistar-se pessoalmente com o Padre Grã, pois o mesmo se encontrava hospedado numa vila vizinha. Sucedeu, porém, segundo a narrativa do bem informado Simão de Vasconcelos, que, na ocasião, o jesuíta se dispunha a fazer uma pregação no púlpito, e, vendo Bolés entre os fiéis, aproveitou o ensejo para invecivá-lo.

Terminado o sermão, o protestante foi ao encontro do Padre Grã, com aparentes mostras de arrependimento. O jesuíta não acreditou muito nas demonstrações hipócritas de Bolés. Tudo não passava senão de ardilosa manha.

Muito embora tôdas aquelas suas manifestações de reconciliação com a doutrina da Igreja, o protestante João de Bolés foi enviado prêso à disposição do Bispo da Bahia. E da Bahia foi recambiado para o Rio de Janeiro, naquele ano de 1567, a fim de ser castigado justamente no lugar onde começara a disseminar as suas teorias.

Foi quando se avistou com o Padre José de Anchieta, que se propusera, por meio de prédicas e admoestações, a convertê-lo definitivamente ao catolicismo, antes que subisse à fôrça, condenado como tinha sido pelo Governador Mem de Sá. Depois de um prolongado período de catequese, conseguiu o moço jesuíta trazer ao grêmio da Igreja o empedernido herege.

Acompanhou-o nos derradeiros instantes ao pelouro da cidade, há pouco levantado. Orou com êle. Coincidira a data do seu enforcamento com as festas comemorativas da fundação do Rio de Janeiro, de cujo programa constava o espetáculo de uma execução, com tôda a pompa. O próprio Mem de Sá compareceu em pessoa. Em tôrno, a soldadesca e o povaréu. Foi aquêle um dos grandes dias da cidade de São Sebastião.

Na hora da execução se deu um fato extraordinário: o carrasco, pouco hábil, foi infeliz na laçada. O corpo de Jean

de Bolés balançou-se no ar, estrebuchando-se com vida! O rosto estava congestionado. A cena era impressionante. Desceram-no. Novo laço foi preparado. O jovem jesuíta interveio... O quadro lhe comovera o coração.

“O Padre José” — segundo a descrição do seu colega Simão de Vasconcelos — “que via êste êrro tão grande e arreceava que por impaciência se perdesse aquela alma de um homem colérico por natural e de tão pouco convertido, entrou em zêlo, respondeu o algoz e instruiu-o êle mesmo como havia de fazer seu ofício com a brevidade desejada”.

Assim agiu tomado tão-sòmente do espírito de caridade cristã. Outro intuito não o animou e nem poderia animá-lo.

Jean de Bolés, puxada, então, a corda pelo carrasco, enfim sucumbiu, graças assim à intervenção de Anchieta.

* * *

Transcrevemos agora, na íntegra, o discutido depoimento de Simão de Vasconcelos, conforme consta da “Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil”, ano de 1567, parágrafo 116, pg. 63, livro III, vol. II, a propósito do “crime” que tem sido imputado ao Padre José de Anchieta:

“Aquêlê herege João de Bolés, de quem dissemos no ano de 1559 que fôra fugido do Rio a S. Vicente, e dera ali em entender ao Padre Grã, em atalhar seus falsos dogmas: agora dá que fazer aqui ao Padre José: porque depois de ser mandado prêso à Bahia, foi trazido (não se diz a causa por que) a êste Rio de Janeiro, porventura para que fôsse castigado no lugar onde começara a fazer suas heresias, ou porque ali teria cometido outro algum delito grave; como quer que seja: o Governador Mem de Sá mandou que fôsse justicado em mão de um algoz, e aos olhos dos mesmos inimigos (que ainda restavam). Para ajudá-lo em tão duro transe, foi chamado o Padre José de Anchieta; achou o herege pertinaz em seus errados fundamentos, pediu que se detivesse mais tempo a execução da justiça e entre aquelas tréguas da vida falou o novo sacerdote ao réu com tão grande espírito, e efi-

cácia de razões, que converteu seu empedernido coração, e veio a reconciliar com a Santa Igreja aquela ovelha perdida e quase tragada do lobo infernal, com aplauso do Céu e dos homens. Porém, aconteceu aqui um caso digno de ser sabido: porque o algoz, quando foi à execução do castigo, como era pouco destro no ofício, detinha o penitente no tormento demasiadamente, com agonia e impaciência conhecida. José, que via êste erro tão grande, e receava que por impaciência se perdesse a alma de um homem, por natural colérico, e tampouco havia convertido; entrou em zêlo, repreendeu o algoz, e instruiu-o de como havia de fazer seu ofício, com a brevidade desejada: ato de fina caridade. Sabia muito bem José a pena das leis eclesiásticas, que suspendem seu ofício a todo aquêlê que sendo sacerdote acelera a execução da morte, em qualquer ocasião que seja, inda que pia; porém preponderava com êle mais a caridade que devia ao próximo e respondeu aos que lhe perguntaram a causa de tal resolução desta maneira: "Porque o dano da suspensão não é ofensa a Deus, e tem remédio com a absolvição da Igreja: porém o dano daquela alma, se ali se perdera por impaciência; e pela salvação de uma alma vivera eu suspenso tôda a minha vida. Oh! resolução de engenhosa caridade! O Governador Mem de Sá depois dêste castigo partiu para a Bahia, contente dos sucessos que Deus lhe dera, deixando com o govêrno daquelas partes a seu sobrinho Salvador Correa de Sá".

Depois de tão tumultuosa execução, nasceram os comentários... Muito embora o jesuíta Simão de Vasconcelos, quase contemporâneo do Padre José, nos conte o episódio com a responsabilidade de cronista da Companhia de Jesus, tal e qual como o reproduzimos, tem havido, a respeito, entre os mais abalizados historiadores, sérias divergências.

Segundo as anotações de Afrânio Peixoto e baseado na documentação de Ramiz Galvão, o herege não chegou a ser sacrificado, tendo apenas sofrido a pena de destêrro para as índias. "A ingerência atribuída a Anchieta na morte do aventureiro, ajudando ao carrasco, é, pois, invenção de bió-

grafos apressados e comprometedores". Diversa também é a opinião a respeito do erudito historiador Afonso de E. Taunay. E como se explica, então, depois de tudo isso, a versão dada por Simão de Vasconcelos? Nenhum intuito o animava a desvirtuar a verdade dos fatos. Era também jesuíta dos mais cultos, tendo exercido o cargo de provincial da ordem, escrito a crônica que diz respeito ao Brasil, e, além do mais, conviveu com Anchieta.

O simples fato de haver o Padre Anchieta, com a mais elevada e pura das intenções, ajudado o carrasco, esclarecendo-o na trágica missão do enforcamento de Bolés, acarretou-lhe até hoje a pecha de ter contribuído, mesmo involuntariamente, para a prática de um crime. Tudo, porém, não passa senão, sob a mais lógica e racional das conclusões, de delicados e melindrosos pontos-de-vista de consciência. Há, talvez, exagêro demasiado na interpretação do episódio rotineiro. Basta, apenas, que cada um de nós se coloque em situação idêntica à do jesuíta, e responda, em sã consciência, se seria capaz de manter-se, na dura emergência, de braços cruzados, sem tomar uma atitude para apressar, podendo-o, tão desagradabilíssima situação. E foi o que aconteceu ao heróico "Santo do Brasil". Está respondendo por um crime que jamais cometeu.

O Padre José de Anchieta, ainda que consagrado apoteoticamente pela alma católica nacional como o "Santo do Brasil", não logrou, todavia, apesar de tudo, ser canonizado pelo Vaticano, havendo, até agora, atingido apenas à classificação de venerável.

Já quatrocentos anos rolaram, na ampulheta do tempo, desde o nascimento do Apóstolo do Brasil, cuja "glorificação, na frase de Joaquim Nabuco, é antes de tudo um reconhecimento das nossas origens católicas — a renovação do batismo nacional".

Provas irrefutáveis da sua santidade foram, cuidadosamente, ajuntadas, desde a sua morte, e "descrer delas é rasgar justamente as primeiras páginas da nossa História do

Brasil, assente nos mesmos documentos, é recusar qualquer prova séria, e o testemunho do próprio Anchieta, que, não podendo algumas vezes ocultar a verdade, atribuía seus prodígios à Divina Bondade "para arraigar e confirmar na fé recebida as plantas da nova Cristandade".

E por que ainda, apesar de tanto tempo decorrido, não foi pela Igreja proclamado como santo o grande jesuíta? A pergunta se agita à procura de uma resposta satisfatória.

Um único fato, talvez, esteja impedindo, num obstáculo em que se emperrou o "Advogado do Diabo", o prosseguimento do longo processo de canonização.

A Santa Sé é rigorosíssima no estudo da vida pregressa dos candidatos à santidade. Qualquer episódio, por mínimo que seja, aparentemente, sem qualquer gravidade para o comum dos fiéis, corriqueiro por vezes, é, entretanto, encarado com a maior severidade, sendo estudado e mesmo esmiuçado pelos Cardeais e Sacerdotes, que compõem o colendo tribunal.

E é o que está acontecendo, ao que parece, no caso do Padre Anchieta.

Uns doutôres modernos — já comentou Assis Cintra — contestaram o episódio de Jean de Bolés, baseados num processo feito em Lisboa pela Inquisição contra um outro Bolés. Mas eram três os Bolés: o pai e dois filhos. Está aí a confusão do caso.

Um deles foi enforcado no Rio de Janeiro; outro, remetido da Bahia para Lisboa e de lá deportado para a Índia ou África; do terceiro não há notícia. Num folheto sobre Ville-gaignon, publicado em 1604, e dedicado ao Rei de França, por um francês que estivera no Rio de Janeiro, Jacques Fraissat, encontram-se os nomes dos três Bolés: o pai e dois filhos. E seria lícito acreditar-se que o jesuíta Simão de Vasconcelos, que escreveu a vida de Anchieta, para enaltecê-lo, inventasse um fato que o diminuísse? Se contou, é porque o caso era verdadeiro. Foi quase contemporâneo de Anchieta, era jesuíta dos mais ilustrados e foi provincial da Companhia de Jesus, da qual escreveu a História relativa ao Brasil.